# Um barulho estranho: relato de experiência com uma turma do 3o. ano do ensino fundamental

*Claudia Roberta Yumiko Tristão*
Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis
*claudia.tristao@prof.pmf.gov.sc.br*

*Viviane Beineke*
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
*vivibk@gmail.com*

## Comunicação

**Resumo:** Este relato apresenta e discute o planejamento e prática de um projeto criativo-musical que teve como centro a sonorização da história "Uuuuuuu - Um barulho estranho", de Liliana Iacocca. O projeto foi desenvolvido em um 3º ano do ensino fundamental na Escola Básica Municipal de Florianópolis Virgílio dos Reis Várzea, composta por 31 alunos entre 8 e 9 anos, em seis encontros semanais de noventa minutos. O trabalho constituiu atividade de projeto de pesquisa que investiga as dimensões e articulações teórico-metodológicas implicadas nos processos de ensino criativo e de aprendizagem musical criativa, referencial que orienta a investigação. Este relato de experiência foi gerado a partir de reflexões da professora de música sobre o processo em sala, registrado por participantes da pesquisa. O planejamento teve como objetivo ampliar a escuta musical das crianças, em proposta que incluiu a escrita e a sonorização de uma história a partir de imagens de um livro. As crianças trabalharam em grupos, sendo oportunizada discussão, negociação e experimentação de ideias musicais que pudessem representar as sonoridades imaginadas para a história. As falas das crianças sobre o projeto destacam principalmente o valor que elas atribuem às oportunidades de se relacionarem nos grupos, de aprenderem umas com as outras, de produzirem algo com autonomia e usarem a imaginação, construindo um senso de pertencimento que é essencial no processo da aprendizagem criativa. Da perspectiva da professora, destaca-se a importância do diálogos com os referenciais teóricos na reflexão sobre a prática, ampliando o olhar sobre os alunos e como eles se desenvolvem, se relacionam, e como aprendem.

**Palavras chave:** projeto criativo-musical; sonorização de histórias; escola básica.

## Um barulho estranho no 3º ano

Este relato apresenta e discute uma experiência de sonorização de histórias, desenvolvida com uma turma do 3º ano do ensino fundamental, na Escola Básica Municipal Virgílio dos Reis Várzea em Florianópolis, composta por 31 alunos e alunas entre 8 e 9 anos. As aulas de música fazem parte do currículo obrigatório do 1º ao 6º ano do ensino fundamental desta escola, em encontros semanais com duração de uma hora e meia. Neste relato será focalizada uma experiência de sonorização da história ""Uuuuuuu - Um barulho estranho" (2008), da coleção Toc-toc, de Liliana Iacocca, em trabalho que teve a duração seis encontros.

O trabalho relatado nesta comunicação consiste em dados gerados através da elaboração e implementação de um projeto criativo-musical desenvolvido na pesquisa "Práticas criativas em educação musical: interfaces teóricas e metodológicas", em desenvolvimento na Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC), no ano de 2016. O objetivo central deste projeto é investigar as dimensões e articulações teórico-metodológicas implicadas nos processos de ensino criativo e de aprendizagem musical criativa, a partir do acompanhamento de ações criativo-musicais desenvolvidas colaborativamente com professores de música da rede pública de educação básica.

Entendendo a pesquisa enquanto prática reflexiva, crítica e transformadora da realidade social, a investigação busca promover "situações em que os próprios educadores possam desenvolver e produzir saberes sobre suas práticas, articulando-os com as teorias educacionais mediante processos de investigação e colaboração em seus espaços de trabalho" (LONGAREZI; SILVA, 2013, p. 216).

Este projeto adota características da pesquisa participante, buscando a legitimação dos saberes do cotidiano, bem como a aproximação com conhecimentos científicos que, no caso desta pesquisa, focalizam as práticas criativas. Como explicam Longarezi e Silva (2013, p. 221), na pesquisa participante "Compete ao pesquisador fazer tal aproximação, tendo em vista que ele desempenha dois papéis na pesquisa: pesquisador e participante". Dessa forma, a pesquisa converge também para a formação de professores, abrangendo fatores centrais para o desenvolvimento profissional, segundo Pang et al. (2015, p. 14): processos colaborativos,

baseados na realidade da sala de aula, orientados pela prática, focados na aprendizagem dos estudantes e orientados pela pesquisa. Como destacam Burnard, Apelgren e Cabaroglu (2015, p. 104), quando os professores se engajam na pesquisa, podem se apropriar criativamente das relações entre 'ação' e 'reflexão', desenvolvendo novas pedagogias.

Nessa perspectiva, o trabalho aqui relatado foi desenvolvido pela professora de música participante da pesquisa, que assina como autora juntamente com a coordenadora do projeto. As aulas foram registradas através de gravações em vídeo, realizadas por participantes da equipe de pesquisa. Esta comunicação foi gerada a partir de reflexões da professora sobre o processo de construção e desenvolvimento do projeto criativo-musical decorrente da pesquisa, apresentada em formato de relato de experiência.

## Escuta e aprendizagem criativa

O ponto de partida para a elaboração do projeto foi o objetivo de ampliar a escuta musical das crianças, focando auditivamente o mundo sonoro. Como argumenta Murray Schafer (1991, p. 284), é papel da educação musical "Apresentar aos alunos de todas as idades os sons do ambiente; tratar a paisagem sonora do mundo como uma composição musical, da qual o homem é o principal compositor; e fazer julgamentos críticos que levem à melhoria da sua qualidade". A partir deste princípio, foi selecionada para o trabalho uma história que pudesse conduzir o planejamento, proporcionando uma escuta mais perceptiva da paisagem sonora no entorno do espaço escolar, desenvolver a percepção e também reflexão sobre as sonoridades que envolvem as crianças no dia a dia. O planejamento previa também a iniciação à pesquisa sonora, estimulando os alunos a buscar, experimentar e produzir sons dentro e fora da sala de aula.

A fundamentação da proposta foi construída a partir da aprendizagem criativa, referencial teórico que propõe, de um lado, a aprendizagem em áreas específicas do conhecimento, neste caso, a música e, de outro, aprendizagens que envolvam as crianças em práticas criativas que incluem experimentação, imaginação, inovação e invenção. Feldman (2008) explica que o conceito de *criatividade*, dentro da expressão *aprendizagem criativa* supõe

que um esforço se torna potencialmente criativo quando se tem a intenção de transformar o mundo de alguma maneira, e que tal processo ou produto torna-se criativo quando é julgado como tal. Por outro lado, a *aprendizagem*, dentro do conceito de *aprendizagem criativa*, se refere aos domínios específicos que aprendemos, o que envolve a aquisição de técnicas, habilidades, informação e tecnologia que potencializam o desenvolvimento da criatividade. Segundo Beineke (2012, p. 49),

> Mudança importante nessa abordagem é a função atribuída ao conhecimento, reconhecendo que a criatividade ocorre dentro de domínios específicos. Em vez de a criatividade ser pensada como um conjunto de habilidades cognitivas ou traços de personalidade, entende-se que as pessoas são criativas dentro de áreas específicas do conhecimento, necessitando aprofundar esses conhecimentos para que a criatividade possa emergir.

Nos estudos sobre a criatividade, pesquisas realizadas sob enfoque psicológico têm grande relevância e tradição, contribuindo para a compreensão de processos de desenvolvimento da criatividade em diferentes faixas etárias e situações. Mais recentemente, os estudos sobre esta temática vêm sendo ampliados para perspectivas socioculturais, que nos permitem compreender outras facetas nos processos de aprendizagem. Segundo Burnard (2006), o olhar para a criatividade das crianças pode ter suas lentes ampliadas quando as relações entre fatores individuais e sociais são entendidas como mediadores de expectativas e concepções sobre as práticas criativas. A autora explica o desenvolvimento criativo das crianças enquanto um processo complexo que inclui múltiplas culturas e esferas de influência, que iniciam no convívio familiar das crianças, que vão ampliando suas experiências sociais e, progressivamente, incluem múltiplas esferas de influência, que se movem do núcleo familiar às interfaces com outros contextos de convivência, como os círculos de amizade dentro e fora da comunidade escolar, ou contextos relacionados à etnia ou religião, ou da banda de garagem, por exemplo. Segundo a autora, a criatividade se desenvolve nesses múltiplos contextos, enquanto atividade mediada culturalmente, compreendida nas dinâmicas entre os diferentes contextos, que incluem os mundos individuais e culturais da criança (BURNARD, 2006, p. 368). Nessa perspectiva, entende-se que a criança pode engajar-se criativamente em uma grande

variedade de contextos das quais ela participa, e cabe ao processo educativo ampliar essas possibilidades de acesso e sua compreensão (BEINEKE, 2012).

A aprendizagem colaborativa propõe o desenvolvimento do aluno através do trabalho coletivo, através da atuação do grupo, com trocas e processos de resolução de problemas que provocam o desenvolvimento do conhecimento. O grupo tem um objetivo em comum e juntos constroem o resultado, respeitando a individualidade, construindo coletivamente o conhecimento com a contribuição da experiência que traz cada indivíduo, construindo uma oportunidade de crescimento para todo o grupo, pois valoriza a diversidade, respeita as intervenções. É uma abordagem de ensino que privilegia a atuação do aluno no processo de sua própria aprendizagem. Segundo Torres (2004, p. 13),

> Ao desenvolver atividades em grupo, é preciso gerenciar conflitos sociocognitivos, propor alternativas, rever conceitos, discutir posições, repartir cargas cognitivas, reelaborar ideias, repartir autorias, negociar e muitas vezes exercer um processo de auto e mútua-regulação.

O desafio apontado por Odena (2014, p. 240) consiste em construir abordagens que possam desenvolver efetivas colaborações criativas entre os estudantes trabalhando em grupos, e entre eles e o professor, que preservem a independência do pensamento musical dos alunos. Sumarizando pesquisas sobre pedagogias voltadas às colaborações criativas, Odena (2014) destaca a importância do tipo de *feedback* do professor enquanto os estudantes trabalham em grupos, por exemplo: respondendo aos aspectos mais amplos da intenção e expressão das crianças, e não a aspectos demasiadamente técnicos ou muito específicos; encorajar o pensamento imaginativo sonoro na realização dos trabalhos; articular a escuta, a performance e a discussão musical para compreender os processos envolvidos na criação musical; estabelecer um clima que favoreça a constante revisão do que está sendo produzido; questionar os alunos sobre a forma como estão compondo; questionar se foram feitas explorações sonoras variadas antes de tomar as decisões musicais; permitir que os alunos possam ter agência e autonomia no processo de composição colaborativa, apoiados pelo entusiasmo e compreensão do professor (ODENA, 2014. p. 247).

Nesse sentido, estes são aspectos importantes na reflexão sobre os processos em sala de aula, visando favorecer a aprendizagem musical criativa. Tais referenciais orientaram tanto a elaboração do projeto criativo-musical, quanto à condução e as estratégias metodológicas em sala de aula, relatadas e analisadas a seguir.

## O caminho da barulheira

No projeto desenvolvido, o trabalho de composição incluiu o desenvolvimento de um roteiro e de uma história a partir de imagens e a sonorização desta história. Quanto à dinâmica de trabalho junto à turma, foi planejado que os alunos pudessem desenvolver a proposta com autonomia, tomando suas próprias decisões na criação do roteiro e sonorização de suas histórias, com o mínimo de intervenção da professora. O trabalho foi planejado em seis etapas.

**Primeira etapa:** Fazer uma investigação sonora pelos arredores da escola, para que os alunos gravassem, utilizando um telefone celular, os sons encontrados pelo caminho percorrido. Posteriormente, deveriam ouvir a produção elaborada por eles próprios. Esta etapa teve que ser adiada pela professora, pois estava chovendo. Assim, a segunda etapa foi antecipada.

**Segunda etapa**: Apresentação, utilizando um projetor datashow, do livro digitalizado "Foom Foom - Um barulho da cidade" (IACOCCA, 2006). Inicialmente, os alunos realizaram uma exploração sonora utilizando os instrumentos musicais disponíveis na sala de música, tais como: pandeiros, tambores, coco, tamborim, flauta, ganzá, guizos... Depois desta breve exploração, foi proposta a realização de uma improvisação com toda a turma, que foi sonorizando a história, ao mesmo tempo em que ela era contada pela professora e suas imagens eram projetadas.

**Terceira etapa:** A formação de pequenos grupos de cinco participantes, segundo escolhas das próprias crianças, procurando proporcionar aos alunos uma oportunidade de se desenvolverem através da negociação e da busca por soluções de pequenos conflitos. Nesse processo foi necessária a intervenção da professora para que todos os alunos estivessem envolvidos, pois algumas crianças haviam ficado sem grupo. Para esta etapa foi digitalizado

outro livro da mesma coleção, chamado “Uuuuuuu - Um barulho estranho” (IACOCCA, 2008). Para esta atividade foram retirados os textos originais do livro, para que os alunos pudessem elaborar seus próprios textos, bem como escolher a sequência da história, porque as páginas não foram numeradas. Após a formação dos grupos foi feita a distribuição de cópias avulsas do livro, uma para cada grupo, e eles iniciaram o trabalho tendo como primeiro objetivo organizar a sequência da história. Algumas equipes coloriram o livro neste momento, enquanto outros distribuíram as folhas entre os participantes e levaram para colorir em casa.

**Quarta etapa:** Consistiu em elaborar e escrever o roteiro da história, para então sonorizar. Neste encontro as equipes trabalharam para escrever a história, a partir das imagens. Alguns grupos usaram primeiramente seus cadernos, escrevendo a história para depois passar para as páginas do livro, e outras dividiram a tarefa entre os participantes, deixando um encarregado de fazer a parte da escrita, negociando e entrando em acordos para a realização do trabalho.

**Quinta etapa:** Sonorizar o livro, que nesta etapa já deveria estar montado, colorido e contendo o roteiro da história inventada pela equipe. Finalmente chegou o momento de sonorizar a história. Esta etapa foi realizada em espaços diversos, espalhados pela escola, visando minimizar a interferência entre os grupos, por causa do barulho. Dessa forma, foram desenvolvidas diferentes sonorizações e histórias, utilizando o mesmo livro como base. As crianças escolheram os instrumentos que iriam utilizar para a sonorização e ensaiaram para a apresentação. Alguns grupos trocaram diversas vezes os instrumentos, quando percebiam que a sonoridade não estava de acordo com suas intenções e ideias musicais.

**Sexta e última etapa:** A apresentação das produções para o grande grupo: as equipes, munidas dos instrumentos escolhidos, do livro já montado, fizeram a apresentação de suas criações, escolhendo um dos participantes para efetuar a narração e o restante do grupo realizando a sonorização previamente estabelecida. A tarefa foi cumprida e todas as equipes apresentaram suas histórias de acordo com as composições elaboradas. Após terminarem as apresentações foi feita uma roda de conversa para uma avaliação, para que pudessem expressar suas ideias sobre os trabalhos realizados, incluindo sentimentos e opiniões, momento do qual as crianças participaram ativamente.

## A produção e a revisão da barulheira

Durante o processo de escrita e sonorização das histórias em grupos, os alunos se mostraram envolvidos, sempre com muita conversa, negociações, reclamações e experimentações.

*- O que eu faço, Profe?*

Na distribuição das cópias, várias perguntas surgiram e neste momento a intervenção da professora foi no sentido de ajudar a sistematizar o processo de construção, sugerindo que primeiramente colocassem em ordem as figuras e depois criassem a história. Esta quarta etapa foi de muita negociação, pois em vários grupos as opiniões ficaram divididas. Em alguns grupos, a professora interferiu, propondo que quando não conseguissem chegar a um acordo conversando, poderiam votar para decidir qual seria a melhor opção. Um dos grupos também veio perguntar à professora se poderia cortar uma folha ao meio (em cada folha constavam duas páginas do livro), pois não estavam satisfeitos com aquela sequência. A professora permitiu, e o grupo cortou a folha ao meio para compor sua sequência de eventos.

A escrita do roteiro provocou menos debates nos grupos, que se organizaram de diferentes maneiras para realizar a tarefa. Em um grupo cada participante ficou responsável por escrever uma página da história, outros grupos incumbiram um único participante para escrever o livro todo, enquanto outros negociavam no grupo e iam construindo a história coletivamente.

A sonorização foi outro momento de muitas negociações e processo constante de escolha e avaliação das decisões que iam sendo tomadas nos grupos. Eles iam revendo a história e discutiam os elementos que necessitavam de som (vento, chuva, trovões...), e quais instrumentos ou som seria melhor para representá-los. As crianças experimentavam as sonoridades conforme as ideias iam aparecendo, até decidirem qual melhor representava os eventos da história.

Os grupos se mostraram bem independentes ao trabalhar com os instrumentos musicais: a experimentação era direcionada para a sonorização do livro, não houve intervenção da professora neste sentido, pois conduziram a sonorização com concentração e não perderam

o foco do trabalho. Foi importante a possibilidade de espalhar os grupos no espaço físico da escola (sem se limitar à sala de música), possibilitando uma autonomia e liberdade de criação e também propiciando a não interferência entre os grupos.

No passo seguinte, a grande dúvida era quem seria o narrador, o que também provocou muitas negociações. Os critérios eram variados: as preferências pessoais das crianças por ler ou tocar instrumentos ou as habilidades de leitura de cada um. As negociações continuaram mesmo depois que a sonorização já estava "pronta", pois iam surgindo novas ideias, num processo que durou até o momento da apresentação, quando ainda foram feitas alterações nos combinados dos grupos.

No momento das sonorizações, a história impressa estabeleceu um fio condutor, facilitando a organização do trabalho nos grupos. Todas as equipes seguiam o livro elaborado por elas próprias, mas os resultados finais ficaram diferentes, sendo utilizados recursos vocais e instrumentais variados. As apresentações finais foram feitas em forma de palco e plateia, para que todos pudessem compartilhar com o grande grupo as suas produções e também exercer este papel de apresentar-se diante de um público. No dia da apresentação, um dos grupos esqueceu o livro que haviam produzido, mas mesmo assim se apresentaram, por vontade e escolha do próprio grupo. Um dos componentes se dispôs a narrar e improvisou a história. Diante da dificuldade do grupo, a professora fez uma interferência, disponibilizando as imagens do livro para apoiar a narração e o restante do grupo sonorizou.

Na finalização do projeto foi efetuada uma roda de conversa para que os alunos pudessem expressar suas opiniões. As suas falas destacam principalmente o valor que as crianças atribuem às oportunidades de se relacionarem nos grupos, de aprenderem umas com as outras, de produzirem algo com autonomia e usarem a imaginação:

> - Foi legal porque pudemos inventar, criar a história e pegar os instrumentos que quisesse e depois apresentar!
> - Fazer em grupo foi legal porque fizemos mais amizades!
> - Achei legal porque todos se ajudaram!
> - Aprendemos a não brigar!
> - Gostei por poder produzir os sons, ter criatividade para fazer nossa história!
> - Usou nossa imaginação, gostei bastante de fazer o som!
> - Gostei porque pudemos fazer nossa história, só vimos as imagens e tinha que

> ter imaginação para inventar.
> - A gente pode conhecer muitos sons diferentes!
> - Foi difícil porque no começo a gente não concorda em como a história fica!
> (Transcrições de falas das crianças em sala de aula).

As falas das crianças vêm ao encontro de observações realizadas por Beineke (2011), analisando as perspectivas de crianças sobre suas composições em sala de aula, em que as músicas produzidas não são separadas de todo o processo de trabalhar coletivamente. Segundo a autora, "...quando as músicas são separadas do contexto de produção, o conceito de processo torna-se abstrato e distante da maneira como as crianças fazem e pensam música" (BEINEKE, 2011, p. 99). As músicas não são analisadas isoladamente, ou focalizando estritamente elementos musicais; o que parece fazer sentido é a qualidade das interações e o contexto em que elas realizam e elaboram suas músicas. Como salienta Beineke (2011, p. 101),

> Esse processo de trabalho nos grupos enseja a participação colaborativa entre as crianças e favorece a aprendizagem criativa, à medida que envolve negociação e tomada de decisões musicais pelas crianças, que participam ativamente do processo de aprendizagem.

## Finalizando a barulheira...

Este projeto oportunizou o envolvimento das crianças em práticas criativas que incluíram a experimentação, a imaginação e a invenção. Proporcionou também a ampliação da escuta musical através da exploração sonora, em processos que valorizaram a autonomia das crianças nos processos de tomadas de decisão, o que provocou o engajamento e comprometimento das crianças com o trabalho. O escolher, o decidir, o negociar, o imaginar e o inventar apareceram nas falas dos alunos no momento da avaliação final, demonstrando a interação e o potencial de aprendizagens colaborativas que o projeto pode proporcionar, construindo um senso de pertencimento ao grupo que é essencial no processo da aprendizagem criativa.

Em relação ao processo de elaboração da sonorização, é importante destacar que o fato de o uso das imagens e a elaboração da história facilitaram a realização do trabalho pelas crianças, porque consistem em elementos concretos que deram suporte e direcionamento na

produção musical das crianças. Em suas falas, elas destacam a importância de elementos muitas vezes considerados “extramusicais”, mas que se mostram essenciais ao processo de aprendizagem na perspectiva das crianças: aprender a trabalhar em grupo e compreender que é necessário aprender a ceder, a conduzir, a argumentar, a aceitar outras ideias, questões que reforçam a importância de realizar trabalhos colaborativos na escola básica. Como destaca Riley, quando as crianças se envolvem criativamente através da composição e da improvisação, elas também se engajam no pensamento crítico, na comunicação e na colaboração, razões importantes para estas práticas estarem presentes nos currículos escolares (RILEY, 2016, p. 6).

Da perspectiva da professora de música, destaca-se a importância do processo de refletir sobre as práticas em sala de aula, buscando melhor compreendê-las a partir do referencial teórico e, com isso, também fortalecer a própria prática, ampliando o olhar sobre os alunos, como se desenvolvem, se relacionam, como aprendem. Também permite analisar o ponto de vista dos alunos em suas avaliações, aproximando-se deles, o que pode auxiliar o professor em futuros planejamentos. Os registros são fundamentais, porque através deles é possível relembrar e perceber questões importantes para as reflexões, que muitas vezes são difíceis de captar em sala de aula e que acabam se perdendo enquanto material que potencializa o processo reflexivo dos professores e professoras.

## Referências


BEINEKE, Viviane. Aprendizagem criativa e educação musical: trajetórias de pesquisa e perspectivas educacionais. *Educação*, Santa Maria, v. 37, n. 1, p. 45-60, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/3763/2710>. Acesso em: 20 abr 2017.

BEINEKE, Viviane. Aprendizagem criativa na escola: um olhar para a perspectiva das crianças sobre suas práticas musicais. *Revista da ABEM,* Londrina, v. 19, n. 26, p. 92-104, 2011. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/177/112>. Acesso em: 20 abr 2017.

BURNARD, Pamela; APELGREN, Britt Marie; CABAROGLU, Nese. Researching Teachers: Yeachers Researching as Teaching Practice. In: BURNARD, Pamela; APELGREN, Britt-Marie; CABAROGLU, Nese (Eds.). *Transformative Teacher Research*: Theory and Practice for the C21st. Rotterdam/Boston/Taipei: Sense Publishers, 2015, p. 103-112.

IACOCCA, Liliana. Foom Foom - *Um barulho da cidade*. Ilustrações: Michele. 6º ed. São Paulo: Ática, 2006.

IACOCCA, Liliana. Uuuuuuu - Um barulho estranho. Ilustrações: Alcy. 3º ed. São Paulo: Ática, 2008.

LONGAREZI, Andrea Maturano; SILVA, Jorge Luiz da. Pesquisa-formação: um olhar para sua constituição conceitual e política. *Contrapontos* (Eletrônica), v. 13, n. 3, p. 214-225, 2013.

ODENA, Oscar. Towards Pedagogies of Creative Collaboration: Guiding Secondary School Students` Music Compositions. In: BARRET, Margareth S. (Ed.). *Collaborative Creative Thought and Practice in Music*. Ashgate: Farnham, 2014, p. 239-251.

PANG, Ming Fai et al. Learning Theory as a Teaching Resource: Enhancing Students` Understanding. In: BURNARD, Pamela; APELGREN, Britt-Marie; CABAROGLU, Nese (Eds.). *Transformative Teacher Research*: Theory and Practice for the C21st. Rotterdam/Boston/Taipei: Sense Publishers, 2015, p. 13-24.

RILEY, Patricia Elaine. *Creating Music*: What Children from Around the World Can Teach Us. Lanham: Rowman & Littlefield, 2016.

SCHAFER, M. *O ouvido pensante*. Tradução de Marisa T. de O. Fonterrada, Magda Gomes da Silva e Maria Lúcia Pascoal. São Paulo: Unesp, 1991.

TORRES, Patrícia Lupion; ALCANTARA, Paulo R.; IRALA, Esrom Adriano Freitas. Grupos de consenso: uma proposta de aprendizagem colaborativa para o processo de ensino-aprendizagem. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 4, n. 13, p. 129-145, 2004.